

# UMA RUA ÁRABE A FLORÊNCIO DE ABREU ÉTNICA

Renata Geraissati  
Castro de Almeida

Colaboração  
Diógenes Sousa

Arte: Eduardo Grigaitis



Diretora: Adriana Rizkallah



ATTALA & NASSER,  
RACHID & SABLAG, ARRUDA, MACHADO & CIA  
ANTONIO JAFET, DAHUR FARAH E CIA. FARES BUCHAIN & IRMÃOS  
IRMÃOS ANSARAK, IRMÃOS AZEM, NAGIB ARB & CIA, SALIM SIMÃO & IRMÃO,  
NASCIM MALUF & CIA, SARUBI & DORSA, ASSAD RACHID, ABRÃO HEAL & CIA  
JORGE CHAMMA & CIA, NAGIB, JACOB & IRMÃOS  
RIZKALLAH JORGE E CIA.

**J**orge Americano, em seu aclamado livro de crônicas e memórias, editado pela primeira vez em 1957, *São Paulo Naquele Tempo (1895 – 1915)*, faz inúmeros relatos sobre suas lembranças de infância e juventude. Na crônica *Gente que a Gente Via*, o bacharel em Direito pela Faculdade de São Paulo, 1912, retrata os diversos grupos que poderiam ser encontrados em um passeio pela cidade: portugueses, espanhóis, alemães, japoneses, italianos, judeus, sírios, libaneses e outros. Seu contemporâneo, o campineiro Guilherme de Almeida, também escreveu sobre a inserção destas pessoas na cidade de São Paulo em uma série de crônicas sobre os bairros paulistanos em 1929, encomendadas pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, intituladas *Cosmópolis*.

A presença constante dos imigrantes nessas produções nos indica um processo que estava acontecendo no cotidiano da cidade, a entrada massiva de milhares de pessoas que chegavam em busca de melhores condições de vida. Herbert Klein relata que, entre 1881 e 1915, cerca de trinta e um milhões de europeus trocaram a Europa pela América, grande parte destes se dirigindo aos Estados Unidos, seguido pela Argentina e Brasil (p.22). Do total de imigrantes que vieram ao Brasil, o estado de São Paulo foi o que abrigou a maior parcela desses indivíduos. Tal fato pode estar vinculado às facilidades concedidas pelo Estado, tais como transporte e alojamento, somadas às oportunidades de trabalho de uma economia em expansão.

# ANNUARIO

Commercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo

— DA —

CAPITAL FEDERAL e dos ESTADOS UNIDOS DO  
**BRASIL**

(Propriedade de A. PINTO)

EDIÇÃO PARA

**1926**

(82.º ANNO)

OBRA DE CONSULTA, DE ESTATISTICA E DE INFORMAÇÕES GERAES  
FUNDADA EM 1844  
COM O TITULO DE

# ALMANAK LAEMMERT

O UNICO ANNUARIO DE TODOS OS ESTADOS DO BRASIL

♦♦♦♦

**2.º VOLUME — ESTADO DE SÃO PAULO**

(A OBRA COMPLETA CONSTA DE 4 VOLUMES)



**A. HÉNAULT & Cia.**

DIRECTORES-CONCESSIONARIOS

o o o

EDITADO NAS OFFICINAS TYPOGRAPHICAS DO ALMANAK LAEMMERT

Rua D. Manoel, 62, 1.º e 62, loja — Tel. Norte 5619 — Rio de Janeiro

M. Moreno, rua S. Bento, 14, salas 17 e 19; ➔ C. 5209, ☒ 1713.  
Machado Netto & Cia., rua Quintino Bocayuva, 4; ➔ C. 1917, ☒ 1414.  
Menezes & Rodrigues, praça Carlos Gomes, 44; ➔ C. 5845.  
Muller & Frank, rua Direita, 53.  
O. Lilla & Irmão, rua Libero Badaró, 101; ➔ C. 3130, ☒ 734, ➔ Angelilla.  
Oscar Cunha, rua Libero Badaró, 167; ➔ C. 3165.  
Pedro Didier & Cia., rua S. Bento, 61, 1.º and., sala 6; ➔ C. 1824.  
Rogerio Bonetti, rua Lopes de Oliveira, 22; ➔ Cid. 421.  
Teixeira & Fragali, rua 15 de Novembro, 59-sobr., sala 7; ➔ C. 4439.  
Valentim A. Harris, rua 15 de Novembro, 45; ➔ C. 2680, ☒ 394.  
Welsch & Cia., largo da Sé, 3, 3.º and., sala 1; ➔ C. 5035.

## ANTIGUIDADES — ART. 30

(Antiquités — Antiquaries — Antiquitäten)

Acosta, r. Quintino Bocayuva, 21, ➔ C. 2462, ➔ Acosta.

## ARCHITECTOS — ART. 33

(Architectes — Architectes — Architekten)

A. Marchezini, r. Alvares Penteado, 35, ➔ C. 3591.  
Emílio Monaco, r. Direita, 2, 2.º and., s. 5; ➔ C. 2731.  
José Rossi, r. S. Bento, 14, 2.º s. 11; ➔ C. 2433.  
José Sacchetti, r. Direita, 81, 2.º s. 7; ➔ C. 4928.  
Moya & Malfatti, r. Direita, 7, 3.º, ➔ C. 1809.

## ARMADURES E ESTOFADORES — ART. 36

(Tapissiers — Upholsters — Tapezierer)

Arthur Navajas, r. Direita, 49; ➔ C. 1476, ☒ 1839, ➔ Armas.  
Camillo Ferreira Rocha, r. Bresser, 126.  
João Eilenet, r. Gusmões, 83.  
Rodovall Junior Horta & Cia., largo S. Francisco, 13; ➔ C. 348.

## ARMARINHO E FAZENDAS — ART. 37

(Import. de)

(Merceries, import. de — Haberdashers' — Kurz und Schnittwaren)

A. Achar & Cia., r. 25 de Março, 40-A; ➔ C. 2550.  
Abias Irmão & Sobrinho, r. 25 de Março, 247.  
Abraão Andraus & Irmão, Casa dos

Tres Irmãos, r. Direita, 26; ➔ C. 1389, ➔ Andraus.  
Adolpho Bedricow, r. S. Bento, 14, 2.º and., s. 7; ➔ C. 3469.  
Afez Choufi & Cia., r. 25 de Março, 26; ➔ C. 2711.  
Afez & Chauki Trahusi, r. 25 de Março, 62; ➔ C. 1903.  
Alidar Netto & Cia., r. Florencio de Abreu, 76; ➔ C. 3602, ☒ 1471.  
Alberto Macedo & Cia., r. Florencio de Abreu, 27; ➔ C. 972, ☒ 665.  
Amim Cotart, r. 25 de Março, 217; ➔ C. 1341.  
Amin Suriani & Cia., r. 25 de Março, 183; ➔ C. 422.  
Anglo Brazilian Commercial Agency Co. Ltd., r. Libero Badaró, 64 ➔ C. 1001, ☒ 790, ➔ Brazil.  
Antonio Tafet, r. Florencio de Abreu, 90-A.  
Araujo Costa & Cia., r. da Boa Vista, 20; ➔ C. 4474, ☒ 120, ➔ Rauleocosta.  
Aron, Rachid & Sablag, r. Florencio de Abreu, 82; ➔ C. 4837, ☒ 1627.  
Arruda, Machado & Cia., r. Florencio de Abreu, 110; ➔ C. 1845, ☒ 379, ➔ Rudame.  
Assad Abdala & Nagib Salem, r. 25 de Março, 141; ➔ C. 627, ☒ 537, ➔ Assaleem.  
Aude & Irmão, r. 25 de Março, 82.  
Augusto Rodrigues & Cia., r. S. Bento, 13, 15, 17 e 19; ➔ C. 259, ☒ 164, ➔ Auros.  
Awad Issa & Irmãos, r. 25 de Março, 199; ➔ C. 1534, ☒ 892, ➔ Caotamana.  
Azem & Cia., r. 25 de Março, 36; ➔ C. 437, ➔ 731.  
Aziz Nader & Cia., r. Florencio de Abreu, 19 a 23, ➔ C. 2094, ☒ 629, ➔ Aziz.  
B. Moherdani & Cia., importadores de armarinho, modas, brinquedos, roupas brancas, fabr. de camisas, etc., r. 25 de Março, 181, ➔ C. 2540, ☒ 888, ➔ Hoherdani.  
Barreira & Sense, al. Cleveland, 2; ➔ Cid. 3825, ➔ Banise.  
Barros & Cia., r. Florencio de Abreu, 75-A; ➔ C. 968, ☒ 62, ➔ Barros.  
Bassit, Farcha & Cia., Iad. Porto Geral, 17; ➔ C. 17.  
Barros, Brito & Cia., r. José Bonifacio, 31; ➔ C. 4620, ☒ 2046.  
Bittar Irmãos & Cia., A Mão Verde, r. Boa Vista, 70.  
Braga, Ozorio, r. Flor. de Abreu, 94; ➔ C. 4333.  
Bussab & Cia., r. S. André, 18.  
Bussad Irmãos & Cia., r. Florencio de Abreu, 70; ➔ C. 3464, ☒ 896.  
Bustani Azer & Cia., r. 25 de Março, 191; ➔ C. 231.  
Caill Cartabani, r. Pagé, 12.  
Casa Alberto, f. Flor. de Abreu, 2; ➔ C. 2336.  
Casa Alberto, r. S. João, 198 ➔ Cid. 689.  
Casa Moherdath, de R. Moherdath & C., r. 25 de Março, 181, ➔ C. 2540, ☒ 888, ➔ Moherdath.  
Casa Sorocabana, Ltda., trav. do Mercado, 20; ➔ C. 4161.  
Ceriani & Cia., r. Boa Vista, 30, ➔ C. 3246, ☒ 898, ➔ Lario.  
Chakile Gerale, r. 25 de Março, 189; ➔ C. 2452, ☒ 973.  
Chafik & Alexandre Salem, r. 25

de Março, 191; ➔ C. 5416.  
Chucri Gerab & Cia., r. 25 de Março, 261; ➔ C. 623.  
Costa Gabriel & Cia., r. Florencio de Abreu, 7; ➔ C. 5369, ☒ 670, ➔ Luzitanos.  
Couto & Cia., r. Florencio de Abreu, 2; ➔ C. 564, ☒ 861, ➔ Couto.  
Cury Irmãos & Cia., r. 25 de Março, 6-A; ➔ 1461.  
D'Abague & Cia., r. Florencio de Abreu, 98; ➔ C. 5444, ☒ 1343, ➔ Dabague.  
Dabague Chapchap & Cia., r. 25 de Março, 267.  
Dahur, Farah & Cia., r. Florencio de Abreu, 5; ➔ C. 815, ☒ 1068.  
David Antar & Filho, r. 25 de Março, 135.  
Demétrio, Irmão & Cia., r. 25 de Março, 32; ➔ C. 5362, ☒ 1421, ➔ Demetsur.  
Dib & Cia., r. Florencio de Abreu, 116; ➔ 1774.  
Dib, Aude & Irmão, r. 25 de Março, 82; ➔ C. 1406, ☒ 228.  
E. Salathé & Cia., r. Quitanda, 6, sobr.; ➔ C. 1999.  
E. F. Cuamas & Irmão, r. Florencio de Abreu, 78-A.  
E. J. Saidan & Cia., r. 25 de Março, 173; ➔ C. 2454.  
Edward Ashworth & Cia., r. Carmo, 13; ➔ C. 3135, ☒ 559.  
Elias Badur, r. 25 de Março, 20.  
Elias Domingos Carini, r. Florencio de Abreu, 75.  
Elias, Gebare & Cia., r. 25 de Março, 225; ➔ C. 3964.  
Etablissements Bloch, r. Libero Badaró, 14; ➔ C. 1214.  
F. Lima & Cia., r. José Bonifacio, ➔ C. 4535, ☒ 1142, ➔ Lima.  
F. Mata & Cia., av. Rangel Pestana, 302; ➔ 70.  
F. Mattei & Cia., r. Florencio de Abreu, 25; ➔ C. 5222, ➔ Mattei.  
F. Miranda & Cia., r. Florencio de Abreu, 5; ➔ C. 815, ☒ 1068, ➔ Abdudacer.  
Fares Buchahin & Irmão, r. Florencio de Abreu, 16; ➔ C. 4475, ☒ 802.  
Fares Nagim & Surian, r. 25 de Março, 59.  
Fausto & Cia., r. Libero Badaró, 185; ☒ 1636, ➔ Fapello.  
Felipe Izar & Irmãos, r. 25 de Março, 32; ☒ 1116, ➔ Izar.  
Fernandes Costa & Cia., r. Florencio de Abreu, 10; ➔ C. 1028, ☒ 726.  
Genin & Filhos, Casa Genin, r. Direita, 10-D, ➔ C. 1009, ☒ 204.  
Gabriel & Rahal, r. Sto. André, 26-A; ➔ C. 659.  
Giosa & Dibeux, r. Libero Badaró, 81, s. 22; ➔ C. 3882.  
Hasson & Irmãos, r. 7 de Abril, 10; ➔ Cid. 5391.  
Halyn Miguel & Cia., r. 25 de Março, 253; ➔ C. 278, ☒ 1769, ➔ Halyn.  
Helito & Filho, r. 25 de Março, 243; ➔ C. 473.  
Henrique Lemcke, Casa Lemcke, r. Libero Badaró, 100 a 104, ➔ C. 258, ☒ 221.  
Hermenegildo Pedro & Irmão, r. Florencio de Abreu, 80; ➔ C. 2916, ➔ Capones.  
Irmãos Anarak, r. Florencio de Abreu, 23-A; ➔ C. 510.  
Irmãos Azem, r. Florencio de Abreu, 24, ➔ C. 5675.  
Irmãos Taperman, av. Rangel Pestana, 335; ➔ B. 6, ☒ 16.

Izacke Dib, r. S. Caetano, 59; ➔ C. 2213.  
Izar & Cia., r. Pagé, 21; ➔ C. 1313, ☒ 2011.  
J. Abramovich & Irmão, r. B. de Itapetinga, 15.  
J. Avdar & Cia., r. General Carneiro, 78; ➔ C. 736.  
J. Caillet, largo S. Bento, 12-A; ➔ C. 2664.  
J. Dib & Cia., r. Florencio de Abreu, 116; ➔ C. 2562, ☒ 1774.  
J. Ferrão & Cia., r. Libero Badaró, 159; ➔ C. 353.  
J. Moreira & Cia., r. S. Bento, 79; ➔ C. 1435, ☒ 47, ➔ Jus.  
J. Paulo Arges & Cia., r. 25 de Março, 121; ➔ C. 2961, ➔ Arges.  
J. Ramos & Cia., r. Florencio de Abreu, 85-A, ➔ C. 658, ☒ 75, ➔ Mirandaviz.  
J. Sabbag & Cia., r. 25 de Março, 259; ➔ C. 2282, ☒ 825.  
J. F. Chamma & Irmão, r. Florencio de Abreu, 78-A; ➔ C. 2753, ➔ Jorchamma.  
Jacob & Hafez, al. Glette, 25.  
Jacob & Irmão, r. 25 de Março, 273; ➔ C. 5258.  
Jamil Kury & Irmãos, r. 25 de Março, 6; ➔ C. 1712, ☒ 1980.  
Jamil Locaif & Irmão, r. 25 de Março, 169; ➔ C. 2373, ☒ 1951, ➔ Locaif.  
Jamil Lotaif & Irmão, r. 25 de Março, 169.  
Jamil Xaruf & Irmão, av. Celso Garcia, 367.  
João M. Sallum & Irmão, r. 25 de Março, 277-A.  
Jordão Jamil & Irmão, av. Celso Garcia, 81 e 83.  
Jorge Barrankjard, r. Florencio de Abreu, 16 e 16-A; ➔ C. 1724, ☒ 124.  
Jorge Chamma & Cia., r. Florencio de Abreu, 83-B, ➔ C. 1339, ☒ 589.  
Jorge Korban & Cia., r. Florencio de Abreu, 65; ➔ C. 4446, ☒ 970, ➔ Corban.  
Jorge King & Irmãos, r. 25 de Março, 221; ➔ C. 1897.  
Jorge Thomaz Irmãos & Cia., r. Florencio de Abreu, 15 e 17.  
José Hobeica, rua Florencio de Abreu, 68; ➔ C. 3284, ☒ 928.  
José Kauffmann, r. Florencio de Abreu, 62; ➔ C. 3441, ☒ 561.  
José Miguel Adura & Irmão, r. João Theodoro, 36; ➔ B. 1450.  
José Nahas & Cia., r. 25 de Março, 36; ➔ C. 1297, ➔ Nahas.  
José Tadul & Irmão, r. 25 de Março, 60; ☒ 1542.  
José Thomaz Irmãos & Cia., r. Florencio de Abreu; ➔ C. 2070, ☒ 1568.  
Jubran & Cia., r. Pagé, 9, ☒ 1775.  
Kalil Abed, r. 25 de Março, 257; ➔ C. 4447.  
Kalil Dib, r. 25 de Março, 123; ➔ C. 4169.  
Kalil Nasraoni, r. 25 de Março, 279-A.  
Khairalla & Cia., r. 25 de Março, 54; ➔ C. 331.  
Larangeira & Cia., r. Florencio de Abreu, 69; ➔ C. 1242, ☒ 1649.  
Leão Jafet & Irmão, r. 25 de Março, 58; ☒ 1241.  
Loffi, Teyer & Irmão, r. Florencio de Abreu, 100-A; ➔ C. 278, ☒ 1769, ➔ Halyn.  
Lutai Eluf & Cia., r. 25 de Março, 165; ➔ C. 4066.

Segundo o Almanak Administrativo Mercantil e Industrial, no ano de 1926, um consumidor que percorria a rua Florêncio de Abreu, encontrava o seguinte cenário: havia as lojas de Aidar Netto & Cia, Alberto Macedo & Cia, Aron, Athur Lundgren & Co., Attala & Nasser, Rachid & Sablag, Arruda, Machado & Cia, Aziz Nader & Cia, Barros e Cia, Braga, Ozorio, Bussad Irmãos & Cia, Casa Alberto, Costa Gabriel & Cia, Couto e Cia, D'abague & Cia, Dahur Farah e Cia., Dib & Cia, E. F. Cuama & Irmãos, F. Miranda e Cia, Fares Buchain & irmãos, Fernandes Costa & Cia, Hermenegildo Pedro & Irmão, Irmãos Anarak, Irmãos Azem, J. Ramos, J. F. Chamma & Irmão, Jorge Barrankjard, Jorge Chamma & Cia, Jorge Korban & Cia, José Kauffmann, Larangeira e Cia, Lotfi, Teyer & Irmão, Machado, Kawall & C., Macedo & Cia., Michel Germal & Cia., Nacina Schaveri & Irmão, Nagib Arb & Cia, Salim Simão & Irmão, Ribeiro Pinto & Cia., P. S. Nicolson & Cia., Oscar Philippi & Cia., Casa Oliveira, Casa Iris, Casa Miudezas, Moreira Ramos, Nagib, Jacob & Irmãos, Rebelo, Barros & Cia., Ubre & Cia., Elias Domingos Carini & Cia., F. Mattei & Cia, Nascim Maluf & Cia, Onofre & Artinori., José Hobeica, Silva Caldas & Cia., Jorge Thomaz Irmãos e Cia e Costa Cabral & Cia, todas estas no setor de "armarinhos", que representava a grande maioria dos estabelecimentos.

Já no setor de calçados eram Sarubi & Dorsa, Assad Rachid, José Spina, Horácio Romeu, Miguel Germano, F. Marchese & Cia, Gosson & Irmãos e João Ferro.

Os estabelecimentos de secos e molhados eram Dagre Riskallah, Antonio Jafet, Souza, Carneiro & Cia, Machado Oliveira & Cia., Matta & Felipe. No ramo de louça sanitária havia a Rizkallah Jorge & Cia., Casa Nathan, International Machinery Company, John Jurgens & Cia, Lodovico Lazatti, Pires, Fontoura e Cia. e Roberto K. Hintz.

O comércio de alfinetes de Abrão Heal & Cia, de parafusos da Klabin & Irmãos, a loja de brinquedos Ranieri, as lojas de móveis de ferro de Miari, La Corraca & Cia, Nicola Florenzano, a leiteria Felipe Pascarelli, a livraria Italiana, a fábrica de papel Oscar Flues & Cia., a loja Riechmann & Cia de armas, a Weskott & Molnar de anilinas e a The Goodyear Tire & Rubber Co. de automóveis.

A efervescência comercial e a diversificação de setores existentes no logradouro fica manifesta no almanaque.

Ana Maria de Almeida Camargo em Os primeiros almanaques de São Paulo, destaca a representatividade desses documentos, que se distinguem como uma fonte privilegiada a respeito do passado, pois reúnem dados sistemáticos sobre aspectos da vida comunitária, não se restringindo apenas a listar pessoas e instituições, mas carregam também anúncios, colaborações literárias e inúmeras outras contribuições.

De fato, ao observarmos a nomenclatura dos estabelecimentos se destacam o grande número de sobrenomes estrangeiros, traduzindo em termos visuais as questões abordadas por Jorge Americano e Guilherme de Almeida, de que os imigrantes eram parte do cotidiano da cidade.

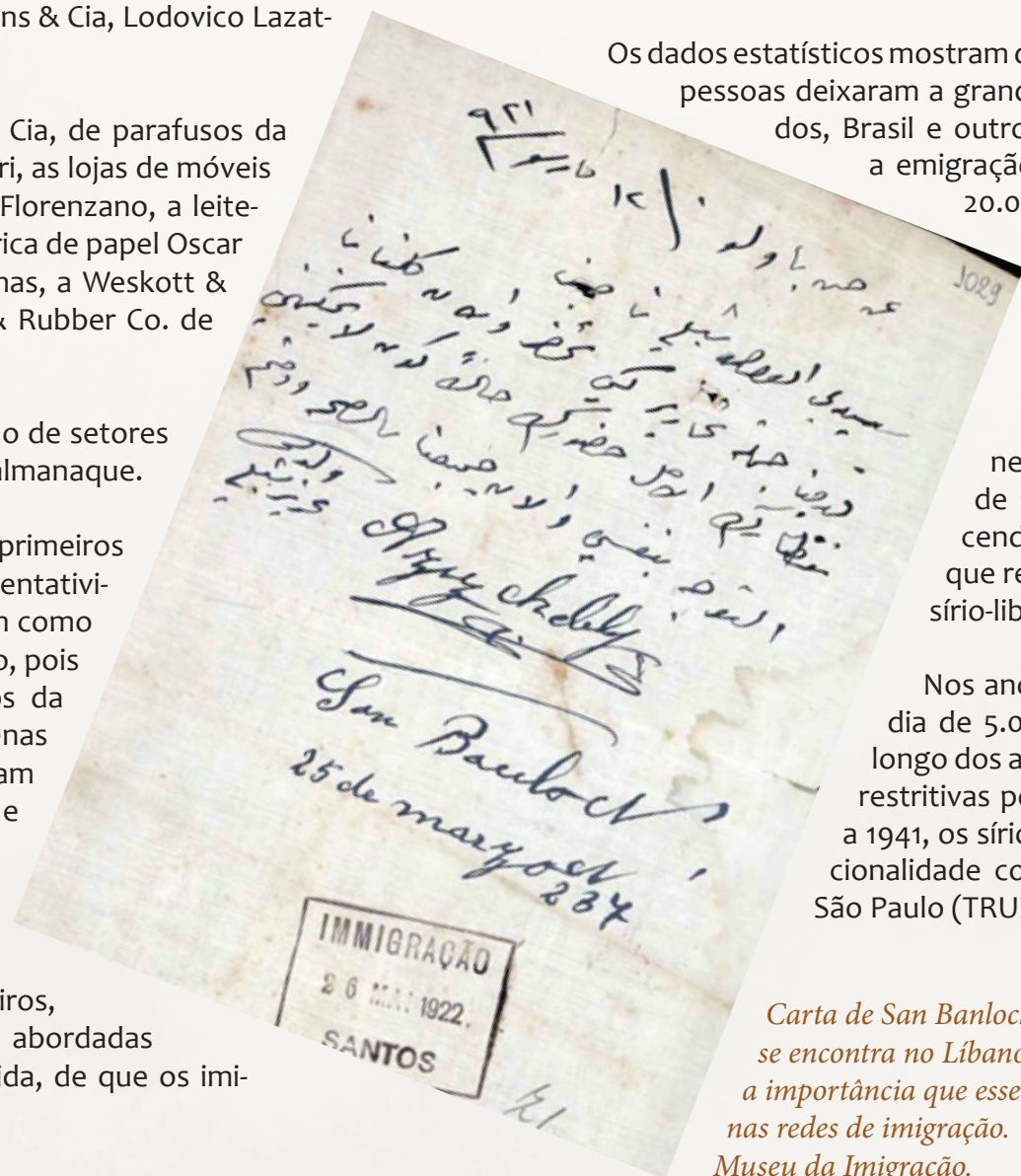
A população imigrante se tornou um grande contingente que exerceu inúmeras funções, tanto no campo quanto na cidade e que afora suas marcas na materialidade, também impactou no surgimento de novos tipos de sociabilidade.

Sobretudo, vemos que uma colônia tem grande concentração na Rua Florêncio de Abreu neste período: os sírios-libaneses.

Os dados estatísticos mostram que nos anos de 1900, cerca de 120.000 pessoas deixaram a grande Síria com destino aos Estados Unidos, Brasil e outros países latino-americanos. Em 1914, a emigração se encontrava na casa de 15.000 a 20.000 pessoas por ano, algo que resultou que a região perdesse quase 1/4 de toda sua população ao longo de todo este processo (HOURANI; SHEHADI, p.30-31).

No Brasil, a imigração de sírios e libaneses se iniciou pouco a pouco nos anos de 1880 e tomou fôlego em 1895, crescendo continuamente de 1903 a 1913. Ano, que registrou a entrada de 11.101 imigrantes sírio-libaneses pelo Porto de Santos.

Nos anos de 1920, a taxa manteve-se na média de 5.000 entradas por ano, diminuindo ao longo dos anos 30 com a implantação de medidas restritivas por parte do governo central. De 1908 a 1941, os sírio-libaneses representaram a sexta nacionalidade com o maior número de entradas em São Paulo (TRUZZI, p.8).



*Carta de San Banlock convidando o amigo Sheique que se encontra no Líbano para visitá-lo no Brasil, mostrando a importância que esse tipo de comunicação desempenhava nas redes de imigração. Museu da Imigração.*

Em Cenas e cenários dos caminhos de minha vida, o imigrante Wadih Safady, cujo pai foi um dos primeiros imigrantes libaneses a aportar no Brasil, em 1887, relata que “os primeiros grupos que voltaram a sua terra natal introduziram em todo o Líbano as boas notícias sobre o Brasil, seu povo pacífico, sua hospitalidade e a facilidade de trabalho” (GATTAZ, p.37.).

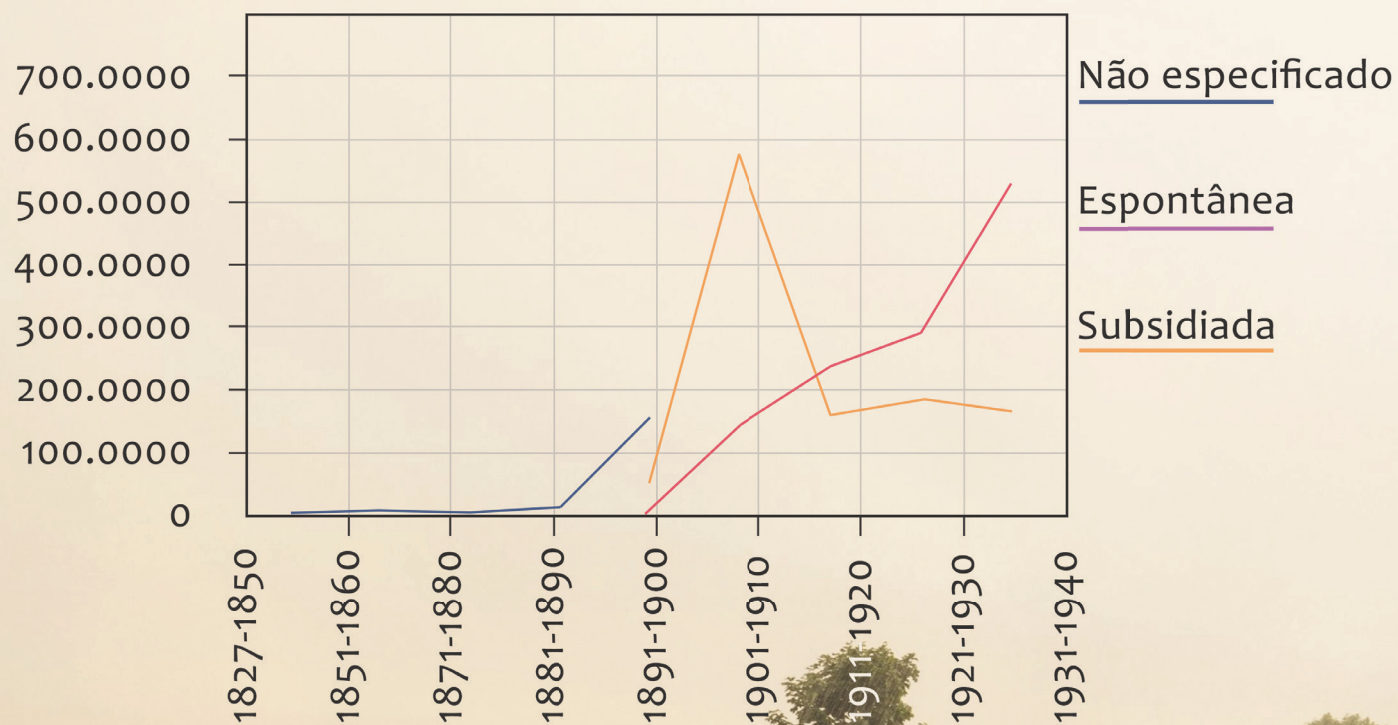
Neste processo, as redes desempenham um papel de relevo, uma vez que associam pessoas que se identificam com a mesma experiência de vida.

No caso dos sírio-libaneses, algumas particularidades devem ser consideradas, entre elas o fato de nunca terem sido alvo de uma política de imigração

subvencionada. Logo, eram parte de uma colônia fruto de um processo migratório espontâneo, afetado por um “efeito corrente”, cujo estímulo da emigração daqueles que ficaram se dava pelos excelentes resultados econômicos alcançados pelos imigrantes pioneiros.

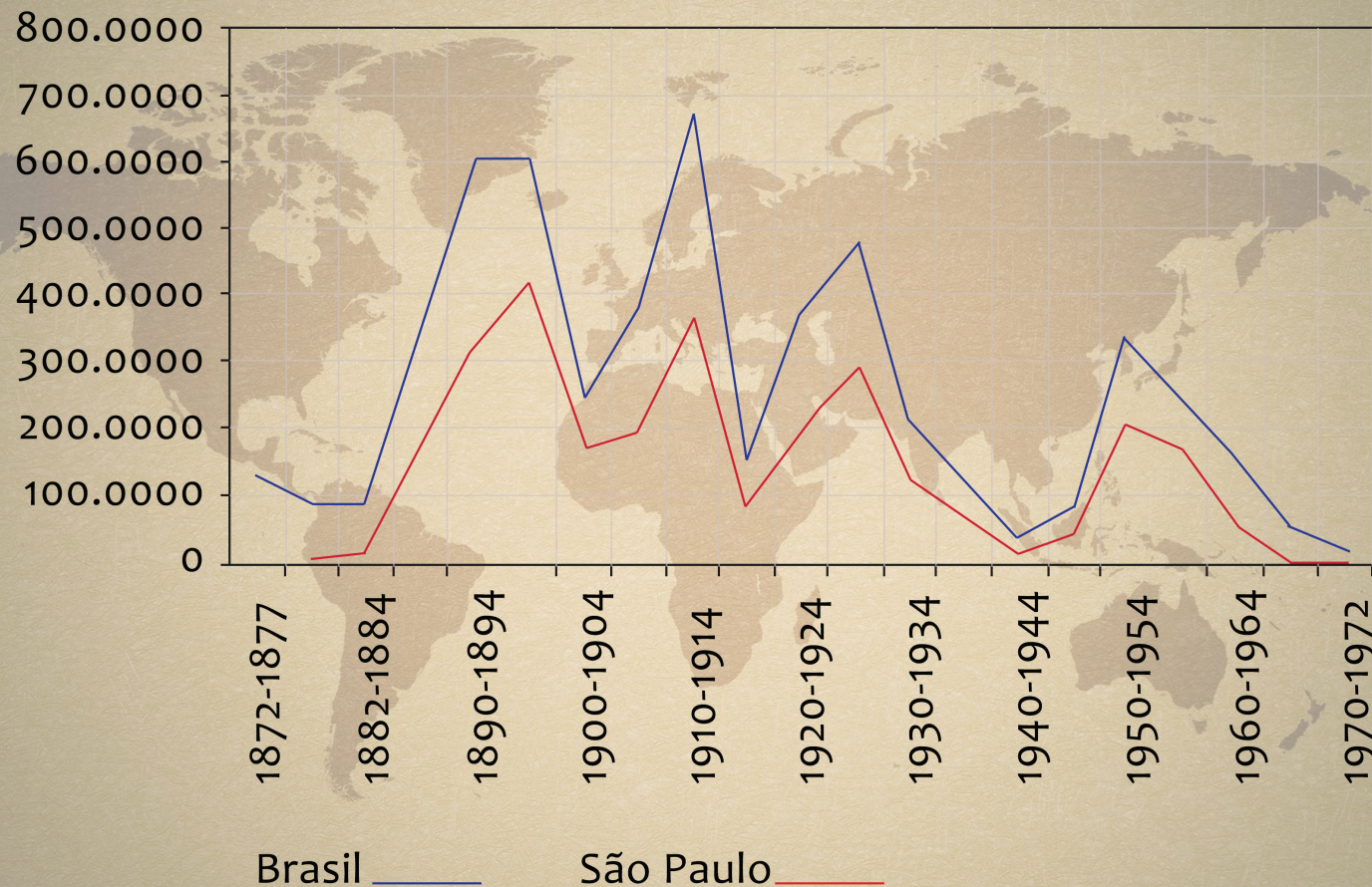
Contudo, poucos estudos compreendem como esta comunidade atuou e construiu sua identidade na cidade de São Paulo, bem como sua relação com a Rua Florêncio de Abreu, que foi sede de associações étnicas, de jornais, além de local de inúmeros empreendimentos comerciais de membros da colônia, a exemplo da Casa da Boia, fundada por Rizkallah Jorge Tahan.

### Imigração espontânea x subsidiada, entre 1827 e 1940



Rizkallah Jorge Tahan, um dos expoentes da Florêncio de Abreu árabe.

## Fluxo de imigrantes no Brasil e no estado de São Paulo entre 1872 e 1972



Rizkallah Jorge Tahan, nascido em 25 de janeiro de 1869, na cidade de Aleppo, na Grande Síria, região que durante o Império Otomano compreendia as regiões do Líbano, Síria, Jordânia, Israel e territórios da Palestina, aprendeu o ofício de fundição de cobre com seu pai, cuja família originalmente provinha da Armênia, daí o sobrenome Tahan.

Em 1895, já casado com Zakie Naccache, o imigrante deixa a esposa na Síria e viaja com três com-

panheiros, chegando ao Porto de Santos no mesmo ano.

Após três anos no Brasil, Rizkallah Jorge inaugurou seu primeiro empreendimento: uma oficina que fabricava peças em cobre, latão e bronze, que viria a ficar popularmente conhecida como Casa da Boia, situada atualmente na Rua Florêncio de Abreu, 123, e considerado um dos empreendimentos mais antigos e tradicionais no comércio de metais da cida-

de de São Paulo. Com a inauguração de seu primeiro estabelecimento e por já estar em uma situação financeira estável, Rizkallah pôde, no ano de 1898, trazer sua esposa. Seus três filhos, Jorge, o mais velho, Nagib, o do meio e Salim, o caçula, nasceram no Brasil.

Em 1919, se mudou com a família para uma mansão na esquina da Avenida Paulista com a Rua Bela Cintra.

Entre os anos 1925 e 1930 este imigrante construiu ao menos seis grandes imóveis na capital, resultado de sua atividade como empreendedor urbano. Dentre eles os edifícios Palacete São Jorge, Palacete Paraíso e Palacete Aleppo, todos na Rua Carlos de Souza Nazaré, na região central de São Paulo. Ergueu, também, inúmeros outros edifícios na cidade.

Os prédios foram erigidos em época de abundância crescente nos negócios e lhe renderam uma representação social no tecido urbano da cidade, tornando-se uma manifestação, em termos visuais, de sua presença na cidade.

Agob Guludjian relata que o salão onde o Padre Gabriel Samuelian rezava missa, na rua Florêncio de Abreu, havia sido cedido por Rizkallah Jorge.

O pesquisador Roberto Grun corrobora estas afirmações indicando que “nossos informantes destacam a ação de Rizkallah Jorge (...), proprietário da Casa da Bóia, que já era uma empresa comercial importante na década de 1920.

O primeiro imóvel destinado à acomodação dos imigrantes daquela época, uma espécie de “mini-hospedaria dos imigrantes armênios”, situava-se justamente no andar superior do estabelecimento, na rua Florêncio de Abreu, no centro da cidade de São Paulo.

Esse endereço abrigou também as primeiras reuniões religiosas da comunidade em São Paulo” (GRUN, p. 22).



*Palacete São Jorge, erguido por Rizkallah Jorge na rua Carlos de Sousa Nazaré, no centro de São Paulo.*



Funcionaram no logradouro outras empresas tradicionais da colônia, como a Nami Jafet e Irmãos, fundada em 1897, na Rua 25 de Março nº 285, pelos irmãos Nami Jafet, Benjamin Jafet e Basílio Jafet.

No ano de 1900 a empresa foi transferida para a Rua Florêncio de Abreu, nº 39, e em 1903 se mudou para o número 43 na mesma rua em um prédio próprio. Quando houve a mudança da fábrica para uma área de cem mil metros quadrados no bairro do Ipiranga, em 1907, o local passou a servir como escritório comercial.

A Fiação, Tecelagem e Estamparia Jafet S.A. tornou-se um dos maiores complexos industriais do país, empregando mais de três mil funcionários.

No ano de 1906 Nami Jafet e seus irmãos adquiriram um terreno gigantesco no bairro do Ipiranga e construíram uma de suas maiores fábricas: a “Fiação, Tecelagem e Estamparia Ypiranga Jafet S.A.” que ocupava uma área de 100 mil metros quadrados, confeccionava 5 milhões de metros de tecidos e foi a responsável pela construção de 320 residências para as famílias dos operários que ali trabalhavam.

Com a chegada da nova fábrica veio também a Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, permitindo que a região, até então um lugarejo nos arrabaldes da cidade de São Paulo, se integrasse definitivamente à malha da cidade.

Também graças a ferrovia o Ipiranga começou a ser caracterizado como um bairro industrial. Na época, muitas fábricas aproveitavam as facilidades proporcionadas pela proximidade com os trilhos que ligavam a cidade, tanto com o litoral, como com o interior, para se estabelecerem na região.



# Imprensa como fator identitário

A

imprensa constitui, de modo geral, um elo importante para todas as comunidades, por meio da divulgação de notícias e anúncios, não raro vemos que quando os imigrantes começam a se instalar nas cidades, logo começam a surgir periódicos étnicos. No caso dos árabes no Brasil, seu primeiro jornal surgiu na cidade de Campinas, interior de São Paulo, no ano de 1897. No ano de 1949,

Jamil Safady, destacava já terem existido mais de cento e quarenta periódicos, que ganharam vida através do trabalho de mais de duzentos jornalistas.

Apesar de terem importância e duração variadas entre si, as publicações criaram vínculos entre esses indivíduos, geraram memórias, acompanharam trajetórias de vida, contaram histórias e informaram os membros da colônia. Para Safady “a história do jornalismo árabe no Brasil marcha paralelamente à própria história da nossa imigração. Conhecendo um, encontrar-se-ão os elementos da outra, facilitando assim o estudo de ambos” (p.282).

A Rua Florêncio de Abreu foi sede de algumas dessas instituições, como o periódico Al-Hadikat (O jardim), que funcionava no número 82, e tinha como redator Kais Labaki, intelectual que tentava ligar a identidade árabe ao Império Otomano, como forma de se contrapor às acusações de barbárie e atraso cultural associadas ao termo “turco”.



AL-MUNAZER

(Organ weekly tri-semantic)

Escripitorio:

N. 16, Rua Florencio de Abreu N. 16

Endereço:

CAIXA POSTAL N. 822

Prop. e Director: Naum Labaki

Redactor-auxiliar: José N. Daher

S. PAULO Sabhado 12 de Outubro 1907

المُنَظَر

جريدة ثلث اسبوعية تصدر الثلاثاء والجميس والسبت

صاحبها ومدبرها توم لوكي

مترجمها ماول

الكتاب والمطبعة في شارع فلورنسيو دي ابرو ١٦

المكاتب ترسل بسم صاحب الجريدة الى صندوق البريد ٣٢٢

بدل الاشتراك في كل الاماكن ٢٥ الف ريس

سان بولو السبت ١٢ تشرين الاول ١٩٠٧

جمعيتان سياسيتان في مصر

الجمعية العثمانية والجمعية العربية

المؤيدون برهان بنو وه وكتبه

أربع مقالات لطيفة الثورى العثمانية

دخل علينا بالاسم شاب خيافا... عن جريدة النورى، تم قلنا له:...

بل الامر على عكس ما... من اهل الامم والارباب...

وماذا رأيتم... رأينا ان الذين يجرؤون كسيرا...

ومما هي هذه الجمعية العربية... فوكان هناك يوم ثلثت الجمعية...

ان يكون لها علاقة بالامام... ان يكون لهم وطرم على موله...

نرى من مؤيديها في مصر ما يجعل... الجمعية العربية في مصر...

ان يكون لهم وطرم على موله... ان يمين لهم وطرم على موله...

من المال قفيرة من الممقفة من كل... فدل احرار الروس... حرب اهلية في قلب البلاد...

ان الله لا يريد ان يتعدى... ان الله لا يريد ان يتعدى...

وكانت جريدة النورى... واثبتت ان الشعب...

من هذا ومن هذا ومن... ان الله لا يريد ان يتعدى...

ان الله لا يريد ان يتعدى... ان الله لا يريد ان يتعدى...

O Al-Mizan (A Balança) cuja redação se localizava na Rua Florêncio de Abreu, nº 16, e tinha como proprietário e redator Estefan Galbuni, que era professor, escritor e poeta...

O Al-Munazer (Do replicador) estava localizado na Rua Florêncio de Abreu, nº 16, tendo como proprietário Naum Labaki, e em 1907, José N. Daher como redator.

Outro periódico que funcionava nas redondezas era o Al-Assmah, propriedade de Khalil Malluk e Chucru Kury, cuja redação era na Rua 25 de Março, 43.

Na Rua Florêncio de Abreu, funcionava também a Sociedade Beneficente Aleppina, mantida pela comunidade síria que vivia na cidade, e promovia a distribuição de alimentos...

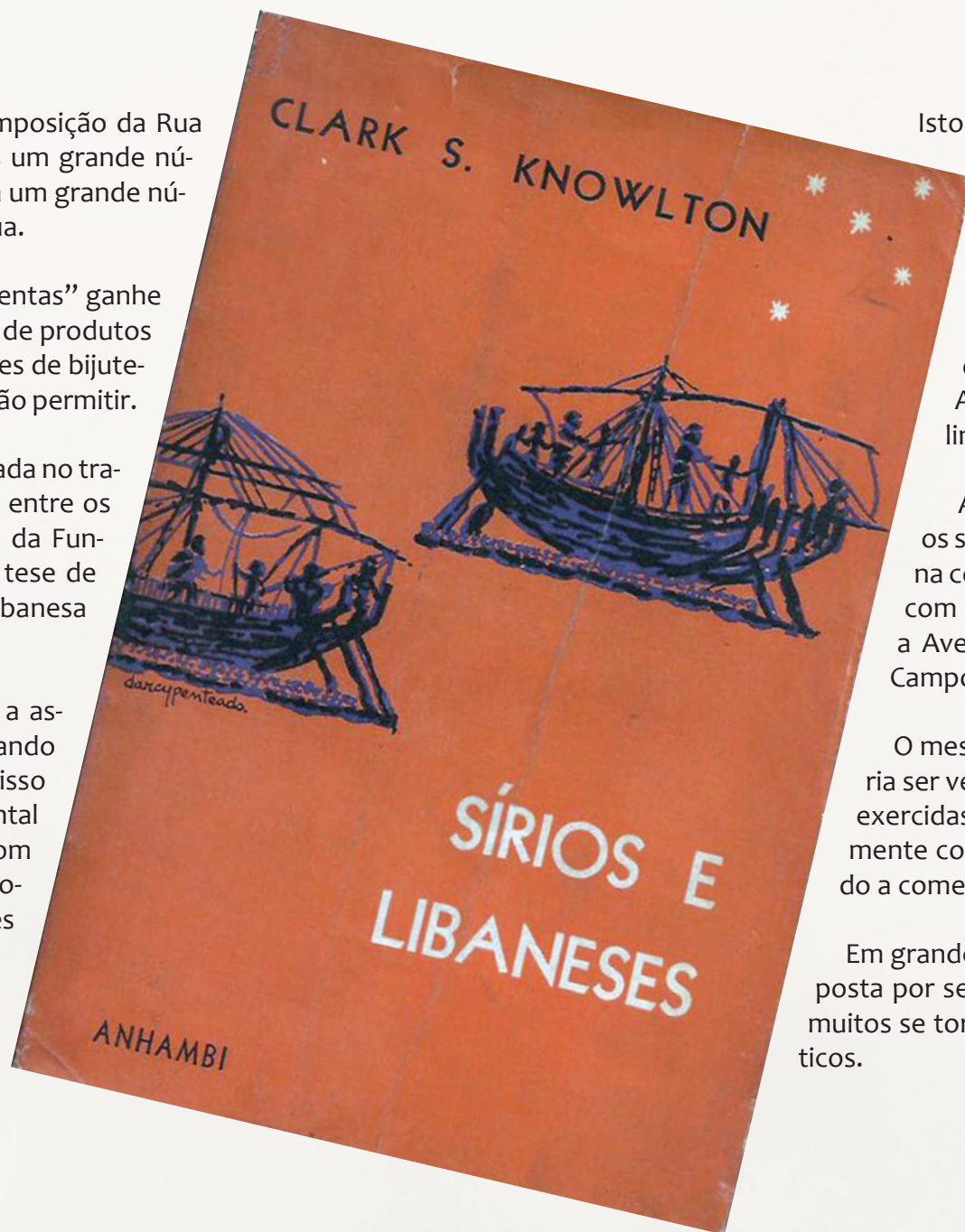
Atualmente, é possível perceber que a composição da Rua Florêncio de Abreu mudou. Se antes víamos um grande número de imigrantes sírios e libaneses, hoje há um grande número de chineses atuantes no comércio da rua.

Isso faz com que a famosa “rua das ferramentas” ganhe um caráter diferente, com uma variada gama de produtos à venda, como acessórios para celulares, boxes de bijuterias, roupas, calçados e o que mais a imaginação permitir.

“Uma possível explicação pode ser encontrada no trabalho do estadunidense Clark Knowlton que entre os anos de 1950 a 1951, recebeu financiamento da Fundação Cordell W. Hull para desenvolver sua tese de doutorado a respeito da comunidade sírio-libanesa que vivia no Brasil”

Seu objetivo era reconstituir como se deu a ascensão econômica desses imigrantes, verificando sua mobilidade social e espacial, bem como isso afetou suas instituições. Seu corpus documental era composto por mais de cem entrevistas com membros da colônia, cerca de seiscentas autobiografias e biografias publicadas, almanaques e catálogos, jornais e outros.

Sua conclusão é de que após uma ascensão social os indivíduos do grupo se direcionavam para outros espaços da cidade.



Isto é. Em um primeiro momento o principal fator que determinava sua instalação em um espaço da cidade se vinculava com os valores despendidos, propiciando com que se instalassem na Rua 25 de Março, Rua Florêncio de Abreu, Avenida Celso Garcia, Avenida Senador Queiróz e áreas lindeiras.

Após uma ascensão esses indivíduos se instalavam em locais de prestígio na comunidade receptora e se fundiam com a população, se direcionando para a Avenida Paulista, Avenida Angélica e Campos Elíseos.

O mesmo processo de mobilidade poderia ser verificado com relação às profissões exercidas por esses indivíduos, se inicialmente começaram como mascates, passando a comerciantes e industriais.

Em grande medida a segunda geração, composta por seus filhos, se dedicou aos estudos, muitos se tornando profissionais liberais e políticos.

# A ocupação atual da rua e a imigração chinesa

Sendo assim, percebemos que o mesmo fator que em outro momento propiciou a instalação dos comerciantes sírios na região, agora justifica a presença dos comerciantes chineses na Florêncio de Abreu, o valor dos aluguéis, mais baratos, se compararmos com os da Rua 25 de março.

Em decorrência da abertura econômica chinesa a partir de 1979, muitos chineses migraram para países do sudeste asiático, e para Itália, Espanha, Inglaterra e França, na Europa, além de Estados Unidos e Canadá, na América do Norte. O Brasil também recebeu também um contingente bastante significativo. De acordo com Carlos Freire da Silva, os chineses representam um dos principais fluxos migratórios das últimas décadas:

*Tomando como indicadores alguns dados do Ministério da Justiça sobre estrangeiros que procuraram regularizar sua situação no País durante a última anistia em 2009, eles constituíram o segundo maior grupo por nacionalidade com 5,5 mil inscritos, atrás apenas dos bolivianos com 17 mil inscritos. Nas tabulações dos microdados da amostra do Censo de 2010, a estimativa seria de 12.554 pessoas nascidas na China vivendo no estado de São Paulo, das quais 63,5% estariam na cidade de São Paulo; e, para todo o Brasil, a estimativa seria de 23.156 pessoas. Porém, reconhecidamente os dados do censo tendem a subdimensionar certas dinâmicas migratórias.*

*Na sessão da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo em homenagem aos 200 anos da migração chinesa para o Brasil, registrada no Diário Oficial de 23 de maio de 2012, o consulado Chinês em São Paulo e a Associação Chinesa do Brasil estimavam em 250 mil o número de chineses e de seus descendentes no Brasil, 180 mil morando em São Paulo. (p.224).*

Um forte exemplo desta imigração nas ruas do centro são os anúncios em mandarim fazendo referência aos serviços que são oferecidos aos migrantes chineses residentes daquela região e também àqueles que nela trabalham diariamente, demonstrando que a integração chinesa ao cotidiano brasileiro se dá também por meio da educação.

Em notícia de 12 de junho de 2011, o jornal O Estado de São Paulo relatou que o Colégio de São Bento, fundado em 1903, já recebia, desde 2007, crianças chinesas como novos alunos em suas turmas, a maioria delas filhas de empresários chineses da região central da cidade, promovendo um intercâmbio cultural entre os alunos de diversas faixas etárias, uma vez que o colégio dispõe também de aulas de mandarim para quem não é falante deste idioma.

Períodos	Origens	Ano e estimativa
1812-1900	Guangdong - Macau	1812 – 1.410 pessoas 1881 – 2.000 pessoas
1910-1949	Zhejiang (Qingtian)	1931 – 820 pessoas 1949 – 1.000 pessoas
1950-1979	Taiwan e países do sudoeste asiático	1959 – 6.748 pessoas 1967 – 17.490 pessoas 1972 – 40.000 pessoas
1980-2016	Guangdong, Zhejiang, Fujiang, Shanghai, Jiangsu, Shandong, Anhui, Shanghai, Jiangxi	1984 – 70.000 pessoas 1988 – 100.000 pessoas 1999 – 130.000 pessoas 2012 – 250.000 pessoas*

*Ciclos da migração chinesa para o Brasil*

*Fonte Weinong 2012. pg 6*

*Baseado em estimativa da Associação Chinesa do Brasil*

# O ESTADO DE S. PAULO

12 DE JULHO DE 2011 R\$ 8,00\*

CLASSIFICADOS: Atos: 1.384, Emprego & Contratos: 954, Imóveis: 7.727, Oportunidades: 2.075

TV: 12.274 canais

Novos serviços ampliam acesso aos conteúdos

CD DOMINGO: Marisa Argerich, maior pianista da atualidade aos 70

Paulistânia: Herdeiros da tradição. Quarteto de Cordas da Cidade de SP foi criado por Mario de Andrade em 1935. Pág. C10

## Indústria reduz investimento, mas quer manter inovação

Pesquisa da Fiesp indica queda de 4,7% no recurso investido; já aperfeiçoamento da produção terá alta de 16,6%

Pressão pela desaceleração econômica e pelo avanço das importações, a indústria brasileira de transformação reduziu investimentos em 4,7% em relação aos R\$ 175,4 bilhões do ano passado. O crescimento de 16,6% da indústria de transformação em 2010, no ano passado, eram 23,6% em 2009.

## Dilma retoma nomeações para atender aliados

Assombrada, no sexto fim, com a possibilidade de uma crise de credibilidade do governo, a presidente Dilma Rousseff procurou misturar o estabelecimento do Plano de Inovação do governo. A mudança é parte de uma estratégia de articulação política na semana em que Antonio Palocci destina a Casa Civil sob o comando de seu substituto por Ideli Solteski na Secretaria das Políticas Institucionais. **NACIONAL / PÁG. A4**

## Expectativa de expansão cai

Consultorias preveem alta de 3,4% do PIB neste ano, ante 4,2% previstas pelo governo. **ECONOMIA / PÁG. B6**

## Colégio de S. Bento atrai alunos chineses

Estudantes do Colégio de São Bento, um dos mais tradicionais de São Paulo, participam de atividades recreativas. Hoje, quase metade dos alunos da escola tem ascendência chinesa. O desafio do diretor é impedir que eles formem um grupo à parte. **VIDA / PÁG. A28 e 29**



## Aliás, TRANSPARENTE OU SIGILOSO?

Quando se trata de ética do bom senso político, o que prevalece, a transparência ou o sigilo? A questão é a de uma realidade que interessa a cidadania. O jornalista Walter Matarovich analisou o encaminhamento de Antonio Palocci: "Os rinhos propõem inicialmente mais que milhar em dois meses, contra US\$ 60 milhões do realismo em 13 anos". **OPINIÃO / PÁG. C2**

## Estâncias crescem, mas sem estrutura

O Cerrado avança e cresce que extrímicas turísticas de SP degradam o ambiente. **MEIO AMBIENTE / PÁG. A10**

## São Paulo vence o quarto jogo seguido

O São Paulo venceu o Grêmio por 2 a 0. **ESPORTE / PÁG. A12**

## Transporte para Copa está atrasado

Problemas em série atrasam obras. **OPINIÃO / PÁG. A14**

## Problemas em série atrasam obras

Problemas em série atrasam obras. **OPINIÃO / PÁG. A14**

## Libertados, bombeiros desfilam como heróis

COMUNICAÇÃO / PÁG. C3

## lêmen, pobre, piora após revolta popular

INTERNACIONAL / PÁG. A24

## Colégio São Bento integra chineses à realidade brasileira

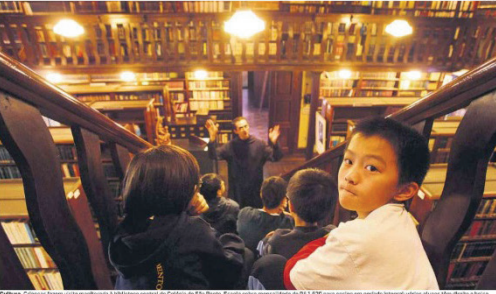
Desde 2007, interesse de orientais pela tradicional escola paulistana tem crescido: quase 50% dos 220 alunos tem ascendência chinesa

**Alexandre Compiani**

PARA LÉZBIA

Em meio a um mundo globalizado, o Colégio de São Bento, escola tradicional paulistana, atrai cada vez mais alunos chineses. Desde 2007, o interesse de orientais pela tradicional escola paulistana tem crescido: quase 50% dos 220 alunos tem ascendência chinesa.

Em meio a um mundo globalizado, o Colégio de São Bento, escola tradicional paulistana, atrai cada vez mais alunos chineses. Desde 2007, o interesse de orientais pela tradicional escola paulistana tem crescido: quase 50% dos 220 alunos tem ascendência chinesa.



Colégio São Bento atrai alunos chineses. O diretor, Carlos Roberto de Almeida, diz que a escola tem se adaptado à realidade brasileira. Foto: Roberto Siqueira/Agência Brasil



Tabuleiro, o jogador de xadrez brasileiro, é o herói da revolta popular. Foto: Roberto Siqueira/Agência Brasil

## BIBLIOGRAFIA

- ALMANAK Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: H. Laemmert & C, 1926.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Os primeiros almanaques de São Paulo São Paulo: IMESP/DAESP, 1983.
- GATTAZ, André. Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes. São Paulo: Gandalf, 2005.
- GRUN, Roberto. Negócios e Famílias: os armênios em São Paulo. São Paulo: Editora Sumaré, 1992.
- HOURANI, Albert; SHEHADI, Nadim. The Lebanese in the World. Londres: I. B. Tauris for the Centre for Lebanese Studies, 1992.
- KLEIN, Herbert. Migrações Internacionais na História da América. IN: FAUSTO, Boris. Fazer a América. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- SAFADY, Jorge S. A Imigração Árabe no Brasil. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1972.
- SILVA, Carlos Freire da . Conexões Brasil-China: a migração chinesa no centro de São Paulo. CADERNOS METRÓPOLE (PUCSP), v. 20, p. 223-243, 2018.
- KARAM, John Tofik. Another Arabesque: Syrian-Lebanese Ethnicity in Neoliberal Brazil. Filadélfia: Temple Press, 2007.
- KNOWLTON, Clark S. Sírios e Libaneses: mobilidade social e espacial. São Paulo: Anhambi, 1960.
- TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Editora Sumaré, 1992.

*Documentos, relatos, reportagens de jornal e livros nos ajudam a compreender os caminhos percorridos pelas levas de imigrantes árabes, primeiramente, e chineses, recentemente, que se estabeleceram na rua Florêncio de Abreu.*

*A identidade árabe permanece no imaginário mais de um século após a chegada dos primeiros imigrantes.*

*Mais uma vez.  
Vários nomes.  
Várias histórias.*

**CASA DA  
BOIA**  
METAIS E HIDRÁULICA  
DESDE 1898

Diretor: Mario Rizkallah  
abril, 2021